



CORRIDA DE RUA: REFLEXÕES SOBRE O “UNIVERSO” DA MODALIDADE

RUNNING: REFLECTIONS ON THE "UNIVERSE" OF THE MODALITY

*Jeferson Roberto Rojo, **Fernando Augusto Starepravo, ***Fernando Marinho Mezzadri e ****Marcelo Moraes e Silva

RESUMO

O presente ensaio busca realizar reflexões a partir do entendimento de que a corrida de rua se consolida como um espaço social. Nos amparamos em materiais da literatura acadêmica já produzida e veiculados por meios de comunicação especializados na modalidade. O texto trata-se de uma narrativa sobre as instituições, os agentes, a atuação do mercado, e também os possíveis processos conflituosos existentes dentro do espaço social denominado aqui como “universo das corridas de rua”.

Palavras-chave: Corrida de rua; Esporte; Lazer; Espaço Social.

ABSTRACT

This essay seeks to reflect on the understanding that running is consolidated as a social space. Based on material collected in the academic literature already produced in the area, as well as material conveyed by means of communication specialized in the modality. The text makes a narrative about the institutions, the agents, the market performance, And also the possible conflicting processes existing within the social space denominated here like "universe of the running".

Keywords: Running; Sport; Leisure; Social Space.

Recebido em: 23/05/2017
Aprovado em: 31/07/2017

*Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR
Email: jeferson.rojo@hotmail.com

***Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR
Email: fmezzadri@uol.com.br

**Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR
Email: fernando.starepravo@hotmail.com

****Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR
Email: moraes_marc@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

Marchi Júnior (2004) argumenta que o campo esportivo é um espaço social no qual ocorrem disputas e tensões entre agentes de diferentes posições e instituições que estão ligadas ao fenômeno. Dentre as modalidades esportivas, as corridas de rua atualmente estão em grande evidência no cenário brasileiro.

O aumento do número de provas e praticantes é notado por estudos como os de Dallari (2009) e Rojo e colaboradores (2017). De acordo com Oliveira (2016) e Rojo e colaboradores (2017), é observado no cenário das corridas de rua uma ampliação nos modelos de corridas de rua e a presença de vários perfis de corredores.

Rojo e colaboradores (2017) indicam que anteriormente a corrida era um esporte pautado em um modelo tradicional de eventos e os corredores baseavam suas práticas em valores competitivos, porém, Balbinotti e colaboradores (2015) e Gratão e Rocha (2016) lembram que esses perfis se ampliam, tendo a presença de indivíduos que não buscam a modalidade como esporte, apresentando outros elementos motivadores como a sociabilidade, controle de *stress*, saúde, competitividade, estética e prazer. A presença desses diferentes perfis de corredores corrobora com a visão polissêmica de esporte levantada por Marchi Júnior (2015), pois os agentes que compõem este espaço social incorporam a prática de diversas maneiras e com significados sociais distintos.

Ao visualizar tais elementos o presente ensaio objetiva compreender o fenômeno da corrida de rua como um espaço social dentro dos moldes levantados por Marchi Júnior (2004). Num primeiro momento busca-se compreender como essa habilidade motora – segundo Gallahue, Ozmun e Goodway (2013) o ato de correr é uma habilidade motora fundamental do ser humano – se transformou em um esporte institucionalizado. Posteriormente, aborda-se o processo de desenvolvimento da modalidade até chegar ao cenário atual, apresentando as mudanças que o fenômeno sofreu e as possíveis demandas geradas por essas transformações. Para finalizar, esboça-se uma forma de estruturação, para entender como se estabelece a organização das

corridas de rua. Parte-se do entendimento de que a corrida de rua é um fenômeno social que sofre influências de vários setores da sociedade.

Para a construção textual da linha de reflexão sobre o espaço social das corridas de rua, opta-se por referenciar esse espaço como o “universo das corridas de rua”. Nesse sentido, o presente ensaio busca entender fatores ligados a esse espaço social. Para a construção das reflexões, adotou-se a modalidade de ensaio. Segundo indica Mendes (2012), a escrita ensaística busca apresentar interpretações livres e originais. Essa modalidade significa “experiência”, “tentativa”, designando um espécime literário de contorno indefinível. Nesse sentido foram consultados diversos autores que debruçaram seus esforços em estudos sobre a temática, que variaram entre teses, dissertações, artigos científicos, livros e trabalhos em evento. Também foram utilizadas, com intuito de agregar elementos para as reflexões, matérias veiculadas em *sites* eletrônicos, principalmente em *blogs* especializados sobre a modalidade. Dessa forma, nos utilizamos das fontes acima citadas para angariar elementos relevantes para a construção da narrativa da reflexão aqui pretendida.

A CORRIDA DE RUA ENQUANTO UM ESPORTE INSTITUCIONALIZADO

Ao dar início à proposta de discutir a respeito da corrida de rua, optou-se nesse momento por uma exposição da definição da modalidade enquanto prática esportiva institucionalizada, que possui normas, regras e instituições que formulam regulamentos para a organização de eventos da modalidade. Em se tratando das instituições responsáveis pelas corridas de rua existem a Associação Internacional das Federações de Atletismo (IAAF), como representante do atletismo internacional, e a Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), organização que detém as responsabilidades sobre o Atletismo no Brasil (PILATTI, 2000). Os artigos de Gratão e Rocha (2016) e Rojo e colaboradores (2017), indicam que o fenômeno da corrida de rua como um esporte institucionalizado, trata-se de uma das



provas dentre as inúmeras que contemplam a modalidade Atletismo.

A corrida de rua é tratada pela CBAt a partir da denominação “pedestrianismo” (CBAt, 2003). Segundo a Confederação, o pedestrianismo é uma das modalidades mais tradicionais e populares do Atletismo, entendido como corridas a pé em rua ou estrada (CBAt, 2003). Para a finalidade do presente ensaio opta-se por utilizar a terminologia “corrida de rua”, conforme sugere o artigo de Gratão e Rocha (2016). Como a CBAt é a responsável pela prática do Atletismo no país, e por consequência, responsável pela corrida de rua, a instituição emitiu uma normatização com a finalidade de reconhecimento e homologação de corridas de rua. A denominada “NORMA 07” descreve alguns pontos para a promoção de eventos da modalidade. O documento afirma que a oficialização de qualquer tipo de evento do Atletismo em território nacional somente pode ser realizada pela própria confederação (CBAt, 2015a). Segundo a norma da CBAt as corridas de rua são divididas em três categorias:

Maratona;

Meia- Maratona;

Outras Distâncias – incluindo as categorias abaixo:

- Corridas em distâncias padrão: 10km – 15km - 20km – 25km – 30km – 100km – Ultramaratona de 24 horas e Maratona e Meia Maratona em Revezamento;

- Corridas Clássicas, em distâncias não oficiais (CBAt, 2015a, s/p.).

A partir da classificação das categorias definidas pela CBAt, observa-se uma abrangência no leque de provas que são definidas como corridas de rua, podendo variar de distâncias menores que 10km (em casos de corridas clássicas), até provas com distâncias superiores a 100km. Existem também, conforme lembra Gonçalves (2011), as provas nos modelos de revezamentos.

Um ponto interessante, segundo aponta Proni (2011), é que nas corridas de rua ocorre de forma concomitante a participação de atletas que não são profissionais e os considerados de elite. Devido a essa característica, existe uma grande

procura pela prática da modalidade. Com o crescimento no número de novos praticantes da corrida de rua, em decorrência de suas novas demandas e estruturação, a CBAt visualiza a necessidade de aumentar o controle dos eventos frente ao grande aumento no número de participantes. No início do ano de 2015 a confederação criou um portal eletrônico¹, anexado ao seu *site* oficial, dedicado exclusivamente à corrida de rua e outras formas de corrida com grande apelo popular (*cross country*, corrida de montanha e corrida de aventura). Além do portal com todas as funcionalidades apresentadas, a CBAt lançou também um novo registro de atleta para os corredores dessas especialidades (CBAt, 2015b). O que antes era exclusividade de atletas federados e confederados, os quais tinham ligações com o esporte de rendimento competitivo, agora passa a ter abertura para todos os perfis de praticantes. A confederação não divulga qual a finalidade de cadastrar os atletas de corridas, e nem os benefícios de tal realização, apenas afirma que este é um reconhecimento da entidade aos praticantes de corrida do país (CBAt, 2015b).

Ao reconhecer a corrida de rua como uma prova do atletismo, classificada como pedestrianismo, com características de percursos e duração considerados longos, em trajetos realizados em ruas e/ou estradas, e que deslumbra uma grande gama de adeptos. Busca-se agora compreender como a corrida de rua se tornou um fenômeno social bastante presente na sociedade contemporânea.

AS TRANSFORMAÇÕES DAS CORRIDAS DE RUA NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

As corridas de rua competitivas (como as que existem atualmente), segundo sugere o artigo de Salgado e Chacon-Mikhail (2006), surgem na Inglaterra no século XVIII. Por sua vez, Dallari (2009), em sua tese de doutorado, indica que as corridas se desenvolveram na Inglaterra, e se consolidaram no século XVII. De acordo com a

¹ Portal destinado exclusivamente para as corridas de rua, *cross country*, montanha e de aventura. Disponível em: <<http://www.cbata.org.br/corridas/default.aspx>> acesso em 12 de outubro de 2015.



autora, os primeiros corredores eram da classe trabalhadora e participavam das corridas, patrocinados por tradicionais *pubs* ingleses. No Brasil, as corridas de rua começam a ser organizadas um pouco mais tarde. A monografia de conclusão de curso de Castro (2005) aponta registros de que no ano de 1880 já havia “corridas a pé” sendo realizadas em solo nacional. Segundo o autor, a modalidade era uma representatividade do atletismo no país naquele período e foi introduzida por imigrantes ingleses. Dallari (2009) corrobora com tal constatação, porém ressalta que os eventos de corrida de rua aconteciam de forma esporádica.

Com o passar dos anos ocorrem profundas transformações nesse universo, não apenas na corrida em si, mas em todo o espaço social em se que constitui a prática (ROJO et al., 2017). Segundo o que propõe Dallari (2009), as grandes transformações ocorridas na corrida de rua se iniciaram em meados da década de 1970. Uma das principais metamorfoses refere-se ao aumento do número de praticantes de corridas de rua. Para a autora, mesmo que a corrida seja uma modalidade praticada há muitos séculos, com suas particularidades em cada um de seus períodos de existência, foi somente nos últimos 30 anos que se pode verificar um aumento exponencial no número de praticantes.

O artigo realizado por Salgado e Chacon-Mikhail (2006), faz uma análise da evolução do crescimento no número de provas e praticantes de corrida de rua no estado de São Paulo. Os autores apresentam dados que corroboram com a afirmação de que nos últimos 30 anos ocorreu um crescimento no número de praticantes. O aumento pode ser constatado tanto nos registros da associação na qual foi realizado o levantamento de dados, como também no número de inscritos nas provas. Dallari (2009), em um esforço semelhante, apresenta números que apontam para a mesma direção. A autora traz dados de três eventos de corridas de rua distintos (Maratona de Paris; Maratona de Nova Iorque e São Silvestre). A comparação no número de participantes é realizada entre os anos de 1975 até o de 2005. Nas três provas o aumento no

número de corredores que concluíram o percurso é significativo.

Na prova brasileira, da qual a autora faz o levantamento, a Corrida Internacional de São Silvestre, no ano de 1975, 242 corredores concluíram o percurso. Já no ano de 2005, esse número subiu para 13.421. Tal aumento continua a ser observado, já que nos últimos anos, conforme lembra a monografia de conclusão de curso de Rojo (2014), o evento tem registrado números de concluintes superiores a 20.000 corredores. O aumento no número de praticantes da corrida de rua é um fato notável que chama bastante a atenção de vários estudos como o artigo de Salgado; Chacon-Mikhail (2006), a tese de doutorado de Dallari (2009) e a dissertação de mestrado de Oliveira (2011). Diversos autores são unânimes em afirmar que esse crescimento é decorrente das propostas feitas pelo médico americano Dr. Kenneth Cooper (BASTOS; PEDRO; PALHARES, 2009; AUGUSTI; AGUIAR, 2011; GONÇALVES, 2011; DIAS, 2017; ROJO et al. 2017).

No livro de Thor Gotaas (2013), além das contribuições de Cooper, o autor apresenta outros nomes que discutiam a prática da corrida de rua como importante elemento da promoção da saúde. Esse momento é denominado por Gotaas (2013, p.283), como “a revolução do *jogging*”. Segundo Gotaas (2013), além de Cooper, Arthur Lydiard² e Bill Bowerman³ promoviam e incentivavam a prática da corrida. Bill Bowerman por sua vez, em meados de 1960 era o mais conhecido dentre aqueles que promoviam o *jogging*.

Outro fato encontrado na literatura como possível colaborador do exponencial crescimento no número de praticantes, é a permissão da participação popular nas corridas de rua (SALGADO; CHACON-MIKHAIL, 2006). Essa hipótese também é levantada por Dallari (2009, p. 30), que descreve algumas transformações ocorridas na Corrida Internacional de São Silvestre.

Até 1979 a participação de brasileiros não era livre. Para se inscrever era necessário ter se classificado em uma

² Treinador neozelandês de atletas campeões olímpicos no ano de 1960.

³ Treinador americano, que é um dos autores do livro “*jogging: a physical fitness program for all ages*” (GOTAAS, 2013, p. 288).



prova seletiva ou ser representante de um dos estados do país. Apenas atletas estrangeiros não sofriam restrições. Cruzaram a linha de chegada, em 1979, 586 dos 608 inscritos. Novos organizadores da corrida, em 1980, determinaram que fossem aceitas as inscrições, pagas, de todos os interessados: 4.839 pessoas.

Como visto foram desenvolvidos ao longo dos anos novos métodos que preconizavam a prática da corrida de rua como um meio de promoção da saúde. Com o crescimento no número de praticantes de *jogging* ocorreu uma abertura das provas de corrida de rua para a participação desse público. A partir desse momento ocorre uma transição e ampliação dos objetivos da prática das corridas de rua. A prática que anteriormente era somente uma modalidade esportiva/competitiva, voltada para atletas de rendimento e que buscavam *performance*, passou a ser um evento que incorpora participantes da sociedade em geral, onde muitos participam sem se preocupar com resultados esportivos. Tal questão evidencia um cenário esportivo polissêmico levantado por Marchi Júnior (2015) e que é evidenciado empiricamente por artigos referentes à corrida de rua formulados por Balbinotti e colaboradores (2015), Gratão e Rocha (2016) e Rojo e colaboradores (2017).

Com o crescimento no número de praticantes da modalidade ocorre também um aumento expressivo no número de provas. Salgado e Chacon-Mikhail (2006), Dallari (2009) e Rosa (2013), ao realizarem levantamento do número de provas, tanto nacionais como internacionais, comprovam esse movimento crescente no número de eventos. Segundo o artigo de Salgado e Chacon-Mikhail (2006), no ano de 2001, 11 provas foram realizadas e receberam o alvará de realização da Federação Paulista de Atletismo (FPA). Já no ano de 2005, o número de provas realizadas subiu para 174. Na dissertação de mestrado realizada por Rosa (2013), a autora apresenta que no ano de 2010 as

corridas de rua realizadas no estado de São Paulo totalizaram 287 eventos. Em sua tese, Dallari (2009) um quadro internacional sinalizando para a mesma direção. A autora mostra que, no ano de 1982, as provas de corrida de rua reconhecidas pela AIMS totalizavam 34 e no ano de 2005 foram realizadas 218 provas no mundo reconhecidas pela entidade. Convém salientar que esses dados são referentes aos eventos reconhecidos, ou que obtiveram alvará das instituições mencionadas. Porém, nem todos os eventos da modalidade têm ligações com as instituições, já que não existe a obrigatoriedade de uma regulamentação, por meio dessas instituições, para a realização das corridas.

Com tais transformações, que ainda ocorrem nas corridas de rua, observa-se também uma metamorfose no modelo de organização dos eventos. A dissertação de mestrado e a tese de doutorado de Oliveira (2010; 2016), indicam que a corrida de rua possui dois modelos distintos de eventos: as corridas “convencionais” e as corridas “*fashion*”⁴. As corridas “convencionais”, na opinião do autor, existem há mais tempo, são mais populares, e apresentam um nível técnico maior. Para definir a segunda tipologia de provas, Oliveira (2010; 2016) utiliza o termo corrida “*fashion*”, provas pagas, geralmente voltadas aos participantes com maior poder aquisitivo e outras peculiaridades. Apropria-se da descrição utilizada por Oliveira (2010; 2016) quando relata que as corridas *fashion* possuem uma produção mais elaborada e não estão vinculadas aos valores mais tradicionais da corrida, em que a competitividade é o ponto central do evento. Vale ressaltar aqui, que o objetivo de apresentar os diferentes modelos de corridas não tem o intuito de classificar ou inferir como certo ou errado qualquer um dos modelos. Apenas são apresentados com a intenção de evidenciar que dentro do universo das corridas de rua existe uma pluralidade na forma de se enxergar a modalidade. A Figura 3 retrata um evento que se caracteriza como corrida *fashion*:

⁴ Segundo o autor os termos foram utilizados por um de seus entrevistados ao fazer referência aos modelos de corridas existentes atualmente.

Figura 1 – Corrida das cores

Fonte: Rede social da organização da “corrida das cores”⁵

Como pode ser observado na figura, trata-se de uma corrida de rua, em que os organizadores oferecem um diferencial para atrair a participação. Além de ter ocorrido mudanças no número de participantes, quantidade de provas e nos modelos de provas, as transformações alteram, também, o perfil dos participantes dos eventos. Segundo Dallari (2009), os corredores possuem características distintas em vários sentidos. Mediante essa diversidade, em seu estudo, a autora exclui algumas parcelas dos participantes das corridas de rua e não os enquadra no que ela denomina como corredores:

Os principais agentes das corridas de rua são os corredores. Ao longo de todo este trabalho são assim designadas pessoas que praticam a corrida habitualmente em espaços abertos, no mínimo três vezes por semana e que participam ou buscam participar de competições. Não são sujeitos deste estudo aqueles que praticam a corrida apenas em esteiras e os que correm sozinhos, como parte de suas atividades físicas, sem compartilhar com outros o hábito. Atletas que atuam exclusivamente em pistas também desenvolvem uma atividade distinta daquela aqui discutida. É importante destacar que pessoas que aparecem em corridas, fantasiadas ou portando cartazes, apenas para serem vistas, não

são consideradas corredores nesta tese (DALLARI, 2009. p. 36-37).

Ao analisar os apontamentos de Dallari (2009), considera-se que realmente os corredores estão entre os principais agentes das corridas de rua, uma vez que suas ações, objetivos e o perfil que adotam para a realização de sua prática na corrida de rua podem nortear as ações dos demais agentes e instituição presentes dentro dessa estrutura que compreende todo o universo das corridas de rua. Nota-se também, que a autora exclui duas categorias importantes em seu estudo, como as de corredores de fundo em pista e corredores fantasiados. Entende-se que tais tipologias são relevantes para as análises do presente ensaio.

A primeira categorização excluída por Dallari (2009) em sua tese de doutoramento refere-se aos corredores que atuam exclusivamente em pista e, essa atividade, na opinião da autora, é distinta das corridas de rua. Vale salientar, em uma análise *a priori* das configurações do universo das corridas de rua em território nacional, que essa distinção entre atletas de pista e de rua é um esforço válido, porém altamente complexo. O motivo para tal receio deve-se ao fato de vários agentes que estão em prática nas pistas também atuarem nas corridas de rua. Uma explicação para o fenômeno é que normalmente nas corridas de

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/CorridadasCoresOficial/> acesso em 11/12/2015.



pistas e de fundo, não há premiação em dinheiro para os vencedores das provas, mas há uma grande busca pelas premiações oferecidas em algumas provas de rua por parte dos corredores de pista. O caminho inverso também é notado, uma vez que as competições de pista geralmente são mais rápidas e com nível técnico mais elevado. Isso leva à procura de corredores de rua por realizarem essas provas em busca de tempos e índices para grandes eventos, para representar seus clubes e/ou até mesmo o país em importantes competições internacionais.

A segunda categoria excluída da tese de Dallari (2009), a qual se considera de grande influência para a estrutura das corridas de rua,

tem um padrão de perfil totalmente inverso da primeira tipologia apresentada. A autora exclui os corredores que participam das corridas utilizando fantasias ou portando cartazes. Aponta-se para a possibilidade de que essa parcela de participantes não está preocupada com os valores tradicionais e competitivos atribuídos às corridas de rua. Por outro lado, é relevante notar que o número de indivíduos que se inscrevem em corridas de rua e participam dos eventos dessa maneira é cada vez mais evidente. Ao lançar olhar para a maior prova de corrida em território nacional, a São Silvestre, pode-se observar que é significativa a participação desses corredores, conforme aponta a Figura 4:

Figura 2 – Largada da São Silvestre 2013



Fonte: Site UOL⁶

Ao observar a imagem apresentada na Figura 4, pode-se notar que o número de participantes portando faixas e cartazes não é pequeno. Ao partir do que é proposto pela própria Dallari (2009), que os corredores são os principais agentes das corridas de rua, pode-se constatar que tal categoria de participantes também exerce influências no funcionamento da estrutura das corridas de rua contemporâneas. Tendo como base o conceito polissêmico de Marchi Júnior (2015), compreende-se que não existe um único perfil de corredor, e o esforço para tentar caracterizar todos acaba se tornando

uma tarefa altamente complexa. Contudo, no que tange às transformações que ocorreram em relação à figura dos agentes corredores, busca-se agora abordar o tema em uma vertente socioeconômica, pois como indicam Oliveira (2010), Rosa (2013) e Rojo (2014), anteriormente ao *boom* das corridas de rua no cenário brasileiro, a maioria dos corredores eram provenientes de classes sociais menos abastadas. Porém, nos dias atuais, conforme lembram Rojo e colaboradores (2017) a constatação é um pouco diferente.

Para Gotaas (2013), esse movimento do

⁶ Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/atletismo/album/2013/12/31/veja-imagens-da-sao-silvestre-2013.htm#fotoNav=17> acesso em 15/12/2015.



boom das corridas aconteceu mais cedo nos Estados Unidos, um dos locais onde ocorreu o princípio da chamada revolução *jogging*. Para o autor, já em 1983, os membros de um clube de corredores de Nova Iorque possuíam características diferentes dos primeiros praticantes da corrida de rua que, em sua maioria, provinham de segmentos com menor *status* social. Ao lançar olhar ao contexto brasileiro, lócus no qual essa mudança ocorreu de modo mais tardio, observam-se nos apontamentos de Rosa (2013) elementos que também indicam essa mudança: “Até então a corrida era uma prática solitária e seus praticantes, na maioria das vezes, eram pessoas com baixo poder aquisitivo. Em pouco tempo, no entanto, muita coisa mudou, incluindo o perfil dos corredores” (ROSA, 2013. p. 31).

O artigo realizado por Rojo e colaboradores (2017) escrito a partir de relatos de corredores de rua com grande experiência em uma tradicional prova brasileira, foi constatado que ocorreu uma mudança do perfil socioeconômico dos praticantes de corridas de rua. Segundo os dados do estudo, o que anteriormente era uma maioria de corredores oriundos de classes sociais mais baixas, vem se tornando uma maioria, cada vez mais, de corredores com melhores condições financeiras estão participando dos eventos. Uma pesquisa com fins comerciais, realizada no ano de 2009, corrobora com tais elementos. Segundo a investigação o perfil dos corredores que praticam a modalidade é bem diferente do dos corredores de anos atrás. Em relação à escolaridade, a grande maioria (75%) possui nível superior e 60% deles têm salários superiores a 5.000 reais. A pesquisa apresenta também que a renda familiar de 60% dos corredores ultrapassa 5.000 reais por mês, sendo que 31% dos corredores pesquisados possui renda mensal superior a 8.000 reais (OSSE, 2009). Pode-se observar, a partir dos dados levantados em Osse (2009), que a tendência atual é de que o perfil da parte majoritária dos corredores seja de indivíduos com uma melhor condição social. Porém, com todas essas mudanças, seja no objetivo final da prática da corrida, seja no modelo de eventos organizados, ou no perfil dos corredores, pode-se também

constatar outra mudança importante no universo das corridas de rua: o nível técnico.

O nível técnico das provas de corrida de rua atualmente é abordado por alguns autores (SALGADO; CHACON-MIKHAIL, 2006; DALLARI, 2009; GOTTAS, 2013), e suas mudanças são um elemento relevante quando objetiva-se discutir a respeito das corridas de rua. Afinal como ressaltado anteriormente, as transformações nas corridas de rua iniciaram-se nos Estados Unidos, onde os autores acima mencionados começam a notar as diferenças nos tempos dos corredores que concluem as provas, como pode ser notado nas palavras de Gotaas (2013, p. 312) ao se referir à Maratona de Nova York:

A maratona se tornou uma competição não para alcançar uma boa colocação ou um bom tempo, mas um ritual a se passar, um símbolo de vigor e vontade. Antes da tendência das maratonas dos anos 1970, os percursos eram geralmente fechados após quatro horas. Em 1981, porém, um terço dos que participaram, mais de 4 mil corredores, levou mais do que quatro horas na Maratona de Nova York, e o número de corredores lentos aumenta ano após ano. Os marcadores de tempo ficavam a postos, e os espectadores festejavam até o último.

Os apontamentos de Salgado e Chacon-Mikhail (2006), Dallari (2009), Rojo (2014) e Rojo e colaboradores (2017), corroboram com os apresentados por Gotaas. Segundo Salgado e Chacon-Mikhail (2006, p. 93), “[...] o número de corredores que concluem as maratonas, quanto o tempo de conclusão da prova para a maioria destes participantes, vem aumentando nos últimos anos”. Os autores apontam que o aumento no tempo de conclusão das provas seja possivelmente em decorrência do aumento da tolerância de tempo para que o participante conclua o percurso. Por sua vez, Dallari (2009, p.38), quando discute a respeito do nível técnico afirma que “[...] várias reduções no melhor tempo de maratona nos últimos anos têm sido acompanhadas por um aumento no número de corredores com resultados pouco expressivos em relação às melhores marcas”. A partir dos relatos de corredores, na monografia de Rojo (2014),



também se observa situações semelhantes às que os outros dois autores constataram. Verifica-se uma queda no nível técnico da Prova Rústica Tiradentes⁷, como pode ser verificado pela fala dos agentes da pesquisa: “No geral era mais difícil a competição ta, um exemplo, minha, do Zé Jorge, e do Gilberto, nós fazíamos 31 e pouco na Tiradentes nós era 30°, 20°, hoje com 31' ta entre os 5, é apenas um exemplo” (ROJO, 2014, p. 42).

Segundo Rojo (2014), as explicações apresentadas pelos corredores entrevistados para a queda do nível técnico da prova, são associadas ao novo perfil de corredores que está participando do evento. Para eles, os objetivos nas corridas não são mais competitivos, o que faz com que o interesse em melhorar o desempenho não seja a principal motivação. As transformações como aumento no número de praticantes e no número de provas, bem como as mudanças no perfil socioeconômico dos corredores, levaram a indústria esportiva a perceber o potencial econômico de que a corrida de rua dispõe.

O MERCADO DAS CORRIDAS DE RUA

Como em outros setores da vida em sociedade, também na corrida de rua, a esfera econômica tem atuado com grande força. O potencial econômico do universo esportivo já é bastante reconhecido, conforme enfatizado no livro escrito por Marchi Júnior (2004) e o artigo de Proni (2011). Com o *boom* ocorrido no contexto da corrida, aumenta significativamente o número de praticantes e eventos, levando o mercado esportivo a visualizar a corrida como um promissor setor de comercialização (GRATÃO; ROCHA, 2016). No segmento do mercado esportivo a corrida de rua possui atualmente significância. Segundo reportagem datada do ano de 2013, o conjunto de seis provas que formam o *World Marathon Majors* (WMM) – Boston, Berlim, Chicago, Londres, Nova Iorque e Tóquio - gera um impacto econômico superior a 400 milhões de dólares ao ano (TERRA, 2013).

O mercado das corridas de rua tem sido tema de estudos de alguns pesquisadores, como, por exemplo, as dissertações de mestrado de Albuquerque (2007), Cartaxo (2012) e Rosa (2013). O que chama a atenção, no caso das corridas, é a ampla economia movimentada nesse ramo do setor do mercado esportista, não considerando apenas os produtos materiais, mas o tratamento do evento em si, ou seja, o fato da participação do corredor ser comercializada como um produto. O artigo de Proni (2011) trata dessa particularidade, quando afirma que nesse tipo de evento é comum os atletas profissionais receberem para participar e, enquanto isso, os atletas amadores pagam pela sua participação, e ainda assim sentem-se protagonistas do evento.

Sendo assim, na presente seção discorre-se a respeito do segmento do mercado esportivo, meio no qual a corrida de rua tem conquistado grande espaço. Aborda-se o tema nas seguintes frentes: a corrida de rua como um fomentador do mercado e indústria esportiva; na comercialização de itens que auxiliam na prática da modalidade; como um fomentador do setor de turismo; como um produto a ser comercializado e; como um estímulo ao setor de serviço, por meio de assessorias esportivas que oferecem o treinamento da corrida como um produto.

Para Rosa (2013, p.31), são vários os seguimentos que giram em torno da prática da corrida de rua: “[...] turismo, entretenimento, alimentos, confecções, equipamentos, mídia, eventos, indústria farmacêutica, dentre outros”. A pesquisa realizada por Osse (2009) indica que um corredor pode ter um gasto médio de R\$ 518 reais para realizar uma prova fora de sua região. Afirma também que são vários os setores nos quais o corredor despense gastos econômicos para participação de uma corrida, corroborando com os apontamentos realizados anteriormente.

Como se pode observar os custos são diversos para a realização de uma prova. Porém, ainda sim não aparecem dados referentes aos valores despendidos para os pagamentos das inscrições das provas de corrida de rua. Os itens esportivos aparecem como o principal foco dos gastos de um corredor para a prática da corrida. Um dos itens, utilizado por Gotaas (2013, p.

⁷ Tradicional corrida de rua que ocorre na cidade de Maringá-PR. Objeto de estudo de um dos autores.



366), para apontar o crescimento do mercado esportivo voltado para a corrida de rua, é o tênis, pois segundo o autor, as vendas desse acessório de uma determinada marca “[...] cresceram paralelamente ao aumento do número de *joggers* nos anos 1970”. O tênis aparece como item esportivo mais adquirido pelos praticantes de corrida de rua, porém os gastos com produtos para a prática da corrida de rua envolvem diversos itens (OSSE, 2009). É evidente que são altos os valores despendidos para a compra de itens para a prática da corrida de rua. Porém, esses gastos são associados por Cartaxo (2012) à construção da identidade do corredor:

Dessa forma podemos considerar o uso de equipamentos e vestuário pelos corredores como importante para a construção de um estilo de vida do corredor. Uma série de artigos e identificada a imagem do corredor, os tênis, o short, o relógio, bonés e uma série de outros equipamentos que podem identificar um corredor (CARTAXO, 2012. p. 60).

O corredor muitas vezes não se satisfaz em apenas participar de provas realizadas em sua cidade e/ou região. Essa nova motivação faz movimentar também o turismo, outro setor econômico o qual o grande *boom* das corridas de rua tem movimentado. O turismo se consolida como um dos setores que tem grandes impactos com o fortalecimento e a popularização das corridas (OSSE, 2009; CARTAXO, 2012; ROSA, 2013; TERRA, 2013; BIESEK, 2014). Segundo o artigo Biesek (2014), publicado num evento acadêmico da área de turismo, os eventos de corrida de rua, compõem a cadeia produtiva local, envolvem diversos setores e precisam ser realizados de maneira bem planejada para que os resultados sejam positivos. Ao se tratar do turismo, a autora ressalta que são envolvidas nesses eventos logísticas de hotéis, transportes, restaurantes, além de outras atrações não vinculadas diretamente à modalidade, como as culturais e artísticas.

São mais beneficiadas as localidades em cujos eventos são realizados periodicamente, pois estes possuem um público alvo já definido que se desloca entre cidades, estados ou países diferentes (BIESEK, 2014). Segundo o estudo da

autora, realizado em Foz do Iguaçu-PR, a cidade paranaense tem grande potencial turístico ao realizar os eventos de corrida de rua, pois oferece outros atrativos – sejam eles naturais ou não – para o visitante, além do próprio evento. Biesek (2014) cita um dado interessante: 57% dos corredores que vão para a cidade para participar das provas levam seus familiares, o que acaba por aquecer ainda mais a economia local.

Contudo, a seguinte pergunta ganha grande centralidade: quanto uma corrida de rua pode movimentar em termos econômicos? Segundo Osse (2009), uma única corrida de rua pode movimentar entre 1,5 milhão de reais a 6 milhões de reais, sendo que 40% deste valor fica na cidade sede do evento em despesas com turismo, hospedagem e lazer. Vale salientar que esses valores, os quais parecem altos, são possivelmente gerados por eventos já reconhecidos e tradicionais. Aqueles que têm a capacidade de atrair um maior número de participantes.

Segundo a dissertação de mestrado de Albuquerque (2007, p. 52), a corrida consegue chamar um número grande de praticantes, tornando-se um dos fatores diferenciais em relação aos demais esportes: “Enquanto uma partida de futebol reúne cerca de 60, 70 ou 80 mil espectadores sentados para assistir a 22 jogadores, uma maratona pode reunir mais de 40 mil participantes, porém ativos”.

Como visto, as corridas de rua tornaram-se um atrativo, envolvendo milhares de participantes, fomentando a economia em vários setores. Porém, atualmente a própria corrida de rua se tornou um produto. Com uma maior procura pela prática, há também um aumento nos custos para a participação em eventos. Nas palavras de Oliveira (2010, p.23), a “[...] corrida é valorizada como produto de consumo”. Como vimos anteriormente, exemplo que o autor denomina como “corrida *fashion*”.

Uma matéria veiculada no *blog* Fôlego, que possui relação com a Gazeta do Povo, principal jornal da cidade de Curitiba, aponta que no ano de 2011 os corredores gastavam aproximadamente 33% do salário mínimo naquele período em inscrições de corridas de rua por mês (FÔLEGO, 2011). Porém, atualmente



são registrados valores maiores em inscrições de eventos, como é o caso da Corrida Internacional de São Silvestre, que no ano 2015 cobrou dos participantes o valor de R\$ 145,00 pela inscrição no denominado “Pelotão Geral” (SÃO SILVESTRE, 2015). Segundo a reportagem do Fôlego (2011), existe uma tensão entre alguns corredores e os organizadores das provas que realizam a cobrança nas inscrições dos seus eventos. Há organizadores que dizem que as corridas são caras justamente para selecionar o público que vai participar do evento:

[...] as corridas são caras justamente para selecionar o público. Quem quer simplesmente correr vai para um parque e não paga nada. Quando se fala nessas corridas, paga-se o entretenimento, o produto, o status de estar participando de uma prova (FÔLEGO, 2011. p. 1).

Como pode ser percebido na citação acima, além ser uma maneira de selecionar o público entre aqueles que querem participar da corrida, como *status*, e os que praticam a corrida para simplesmente correr, o relato aponta que as inscrições são para pagar o entretenimento, ou seja, a corrida é vista como um produto. Por outro lado, os organizadores relatam que os valores cobrados nas inscrições são para cobrirem os custos do evento. Para eles não são os “*kits*” os responsáveis por encarecer o valor das inscrições, mas sim a demanda de muitos outros itens:

Uma corrida menor, de 10 km para 2 mil atletas, custa R\$ 60 mil, calcula, em que devem ser pagas as taxas para a Federação Paranaense de Atletismo endossar a prova e ao Diretran para fechar as vias e mandar profissionais para o controle do trânsito. Ainda tem custo com o estafe (R\$ 35 a R\$ 50 por pessoa), equipes médicas e ambulâncias (R\$ 5 mil por equipe) e água, isotônico e frutas para os atletas (FÔLEGO, 2011. p. 1).

Porém, existem também casos de corridas em que os “*kits*” do corredor são os produtos. Para Rosa (2013), os “*kits*” são uma estratégia dos organizadores para a corrida ter maior adesão de participantes, uma vez que o número de provas é cada vez maior e a concorrência entre as organizadoras também aumenta. Porém,

esse modelo de abordagem e comercialização das corridas de rua não agrada a todos os corredores. Segundo relatos apresentados na pesquisa de mestrado de Rosa (2013, p. 161), existe um descontentamento e posição contrária a essas ações: “Eles cobram caro porque o *kit* é bom. Mas eu não quero *kit*, quero só correr. Já tenho garrafinha, cinto, toalha e mochila”. A autora afirma que existe uma parcela significativa de corredores que está preocupada de fato com questões técnicas para a realização da prova, como pontos de hidratação, segurança e aferimento do percurso. A indagação de Rosa (2013) não deixa de ser uma preocupação relevante, entretanto, ao analisar as propostas dos eventos e o perfil dos praticantes, percebe-se que a tendência nas provas de corrida de rua tem sido a alta dos valores de inscrição, incrementadas com itens ofertados nos *kits*.

Outro ponto de destaque no mercado das corridas de rua é o oferecimento de serviços relacionados à prática. Em dissertação de mestrado realizada por Albuquerque (2007), o autor afirma que são vários os setores que prestam serviços diretamente aos corredores. Porém, o profissional que aparece com maior indicação - em sua pesquisa com corredores - para fazer um acompanhamento, é o de Educação Física. Torna-se importante lembrar que os dados apresentados pelo autor são referentes somente aos que responderam que possuem um acompanhamento profissional para a realização da prática da corrida. Essa parcela corresponde a 59% dos corredores que foram pesquisados por ele.

Dentre os serviços prestados aos praticantes da corrida de rua, uma grande e evidente prestadora de serviços é a denominada assessoria esportiva. A monografia de graduação de Lopes (2011) indica que esse serviço entra na categoria de práticas oferecidas ao consumidor, por meio de uma iniciativa privada. Segundo Cartaxo (2012), as assessorias são diferentes dos serviços oferecidos pelos *personal trainers*. Para a autora, pode haver vários profissionais à disposição do aluno, além do serviço ser prestado a um grupo de pessoas ao mesmo tempo:

A assessoria esportiva funciona de uma forma diferente do *personal*. O aluno contrata os serviços de um grupo de



profissionais, geralmente e mais de um treinador, com estagiários, podendo ter massagistas, nutricionistas, dependendo do porte da assessoria. Esses profissionais possuem um ponto fixo de trabalho, geralmente tendas montadas nos locais próximos as pistas de corrida, ciclovias ou calçadas. Possuem um horário fixo para atender os alunos e atendem um grupo variado de alunos (CARTAXO, 2012. p. 13).

Na dissertação de mestrado escrita por Cartaxo (2012), o autor encontrou no ano de 2010, na cidade do Rio de Janeiro 48 assessorias esportivas com trabalhos voltados à prática da corrida de rua, com mensalidades variando entre R\$ 80,00 e R\$ 160,00 reais. Como visto, esse tipo de serviço demonstra, assim como os outros apresentados nesse tópico, que a corrida de rua se torna bastante influenciada pelas lógicas de mercado, tornando-se uma mercadoria a ser ofertada a um determinado público consumidor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi apresentado um cenário que aponta para um crescimento exponencial das corridas de rua no território brasileiro, algo semelhante ao que acontece na cena internacional. Porém, é válido ressaltar que transformações também vêm ocorrendo dentro do universo da modalidade, sendo essas possivelmente ocasionadas por

novas maneiras de compreender o esporte. Cabe lembrar que o ensaio teve como finalidade compreender a corrida de rua enquanto um espaço social, mostrando que é permeado por uma série de agentes e instituições que agem de acordo com suas posições, anseios e interesses.

Assim como em espaços sociais de outras modalidades esportivas, nas corridas de rua também é possível observar a existência de processos conflituosos. Esse ensaio retrata diferentes perfis de corredores e a distinção entre corridas tradicionais e as *fashions*. Porém, conclui-se que outros tipos de tensões podem ocorrer dentro do universo das corridas de rua. Compreende-se que, assim como os espaços sociais de outras modalidades, o da corrida de rua é complexo em termos de possibilidades de leitura. Propõe-se então que estudos em diferentes temáticas sejam realizados acerca das corridas de rua, objetivando mostrar a grande polissemia existente.

Tanto as pesquisas referentes ao desempenho esportivo quanto as que exploram os aspectos socioculturais podem contribuir para a qualificação do profissional de Educação Física que atua no segmento das corridas de rua. Diante disso, aponta-se para necessidade de realizar outros estudos que versem sobre essas questões, visto que podem tanto qualificar o debate acadêmico como contribuir para a formação do profissional que vai atuar nesse segmento da profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Rubens Caetano. **Comportamento do consumidor de materiais esportivos para a prática da corrida de rua na região metropolitana de Belo Horizonte**. 2007. 101f. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração), Fundação Cultural Doutor. Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo, MG, 2007.

AUGUSTI, Marcelo; AGUIAR, Carmen Maria. Corrida de rua e sociabilidade. **EFDeportes.com**, v. 16, n. 159, 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd159/corrida-de-rua-e-sociabilidade.htm>>. Acesso em: 16 de março de 2013.

BALBINOTTI, Marcos Alencar Abaide e colaboradores. Perfis motivacionais de corredores de rua com diferentes tempos de prática. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 37, n. 1, p. 65-73, 2015.



BASTOS, Flavia Cunha; PEDRO, Mario Antonio Dawid; PALHARES, Juliana Meirelles. Corrida de rua: análise da produção científica em universidades paulistas. **Revista mineira de educação física**, v. 17, n. 2, p. 76-86, 2009.

BIESEK, Ana Solange. Eventos esportivos: um potencializador de negócios – o *case* da Meia Maratona das Cataratas em Foz Do Iguaçu – Paraná. In: Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, 8, 2014, **Anais...** Foz do Iguaçu, PR, 2014. p. 1-21.

CARTAXO, Camila Augusta de Figueiredo. **Amizade, corpo e consumo entre corredores de rua de assessorias esportivas na zona sul do Rio de Janeiro**. 2012. 97f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2012.

CASTRO, Rafael Banffini. **O patrocínio ao esporte como estratégia de Relações Públicas - o caso do atletismo da Caixa**. 2005. 87f. Monografia (Especialização em Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO (CBAT) (Brasil). **Corridas de rua no Brasil: uma grande história**. 2003. Elaborado por Benê Turco. Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=3184>>. Acesso em: 19 junho de 2015.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Norma 07: reconhecimento e homologação de corridas de rua**. São Paulo, 2015a. 8p. Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/normas/Norma07.pdf>>. Acesso em: 26 junho 2015.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO (Brasil). **Corridas: uma nova proposta**. 2015b. Elaborado por Martinho Nobre dos Santos. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/corridas/coluna_correndo_por_dentro.aspx?id=1>. Acesso em: 26 junho de 2015.

DALLARI, Martha Maria. **Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo**. 2009. 130f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

DIAS, Cleber. Corrida de rua no país do futebol. **Revista de história do esporte**, v.10, n. 1, p.1-32, 2017.

FÔLEGO. **Custo-benefício**. 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/folego/custo-beneficio/>>. Acesso em: 20 junho de 2015.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C; GOODWAY, Jackie D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. Porto Alegre, RS: AMH, 2013.

GONÇALVES, Gabriel Henrique Treter. **Corrida de rua: um estudo sobre os motivos de adesão e permanência de corredores amadores de porto alegre**. Monografia (Bacharelado em Educação Física). Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

GOTAAS, Thor. **Correr: a história de uma das atividades físicas mais praticadas no mundo**. São Paulo: Matrix, 2013.



GRATÃO Otavio Augusto; ROCHA Cláudio Miranda. Dimensões da motivação para correr e para participar de eventos de corrida. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 24, n. 3, p. 90-102, 2016.

LOPES, Mariana Elis. **Grupos de corrida de rua em Porto Alegre**: estratégias de marketing nos sites. 2011. 55p. Monografia (Bacharelado em Educação Física). Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

MENDES, Claudinei Magno Macre. “O ensaísmo na historiografia brasileira”. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 34, n. 1, p. 91-100, 2012.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **Sacando o voleibol**. São Paulo/ Ijuí: Hucitec/ Unijuí, 2004.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um Modelo Analítico. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport**, v. 5, n. 1, p. 46-67, jul. 2015.

OLIVEIRA, Saulo Neves. **Lazer sério e envelhecimento**: loucos por corrida. 2010. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010.

OLIVEIRA, Saulo Neves. **Lazer sério e envelhecimento**: explorando a carreira de corredores de longa distância em um grupo de corridas de rua no sul do Brasil. Porto Alegre, 2016. 178f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016.

OSSE, Jose Sergio. **A corrida dos lucros**. 2009. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoedinheiro-temp/edicoes/629/artigo154606-1.htm>>. Acesso em: 20 junho de 2015.

PILATTI, Luiz Alberto. **Os donos das pistas**: uma efígie sociológica do esporte federativo brasileiro. 2000. 255f. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Proposições para o estudo do esporte contemporâneo. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport**, v. 1, n. 1, p. 166-182, 2011.

ROJO, Jeferson Roberto e colaboradores. Transformações no modelo de corridas de rua no Brasil: um estudo na “Prova Rústica Tiradentes”. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 25, n. 1, p.19-28., 2017.

ROJO, Jeferson Roberto. **Processo de transformação das corridas de rua**: um estudo da Prova Rústica Tiradentes. 2014. 103f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2014.

ROSA, Jane Petry. **Corridas de rua**: aprendizagens no tempo presente. 2013. 198f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2013.

SALGADO, Jose Vitor Vieira; CHACON-MIKAHIL, Mara Patricia Traina. Corrida de rua: análise do crescimento do número de provas e de praticantes. **Conexões**, v. 4, n. 1, p. 100-109, 2006.



SÃO SILVESTRE. **Regulamento 2015**. São Paulo, 2015.

TERRA. **Seis maratonas internacionais movimentam US\$ 400 milhões**. 2013. Disponível em: <<http://economia.terra.com.br/operacoes-cambiais/para-sua-viagem/seis-maratonas-internacionais-movimentam-us-400-milhoes,d563475f1e8b2410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 01 novembro de 2015.